



**INSTITUTO LATINO AMERICANO DE ARTES,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**MEDIAÇÃO CULTURAL - ARTES  
E LETRAS**

**LEMBRE DE MIM**

DIÁRIO DO CORPOMÍDIA TRANS E SUAS CRIAÇÕES

FADEL GUTIERREZ

Foz do Iguaçu  
2024

**LEMBRE DE MIM**  
DIÁRIO DO CORPOMÍDIA TRANS E SUAS CRIAÇÕES

**FADEL GUTIERREZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural - Artes e Letras.

Orientador: Prof. Dra.- Diana Araújo Pereira

Foz do Iguaçu  
2024

FADEL GUTIERREZ

**LEMBRE DE MIM**

DIÁRIO DO CORPOMÍDIA TRANS E SUAS CRIAÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural - Artes e Letras

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dra. Diana Pereira Araujo  
UNILA

---

Prof. Dr. Félix Ceneviva Eid  
UNILA

---

Prof. Dra. Giane da Silva M. Lessa  
UNILA

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Dedico este trabalho aos transviadinhos,  
boycetas e a todes transgêneres.

## AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento se destina a todo meu empenho no passado de tanto adentrar na graduação como permanecer até este final.

Assim, agradeço à minha orientadora, Prof. Dra. Diana por ter aceito esse processo tão delicado que fomos entendendo conforme ia pesquisando. Obrigado, prof, por todos os momentos de suporte que tive contigo e, também, da nossa sinceridade tanto no que tange a orientação do memorial como para a vida.

Agradeço a banca, composta pelo Prof. Dr. Félix e a Prof. Dra. Giane. Ambos tiveram um peso durante minha trajetória de graduação e tornaram o que é hoje meu olhar diante a minha pesquisa.

Agradeço ao meu pai e minha madrasta, por terem escolhido a paternidade/maternidade de uma pessoa transgênera e estar presente em todos os meus processos desde que disse quem eu era.

Agradeço minhes amigues e companheiro, que amo! Sem a nossa roda de conversas e momentos de apoio, acredito que já teria saído da graduação. Obrigado pelas nossas conversas a todes, só não enumero pois vocês são muitos.

Por fim, agradeço a todas as trocas que tive com pessoas transgênero, pois isso sempre me fortaleceu.

*Cê trombou com as bicha errada  
E agora vai ter que escutar  
Esse é só o primeiro desabafo que tá entrando pra  
história*

**Quebrada Queer**

## RESUMO

Por meio do memorial, este trabalho concluí a graduação de Mediação Cultural - Artes e Letras com as criações performáticas vividas pelo autor. A pesquisa-prática parte da subjetividade, experiência e aprendizados acadêmicos de um corpo transneuro durante o processo de bacharelado. Utiliza-se de saberes de artistas travestis para dialogar com a biblioteca de conteúdo criada durante a graduação, tendo como objetivo criar uma narrativa transgênera.

**Palavras-chave:** Performance; Corpo-Arquivo; Corpo-Mídia; Memorial; Mediação Cultural.

## RESUMEN

A través de la memoria, este trabajo concluye la graduación en Mediação Cultural - Artes e Letras con las creaciones performativas vividas por la autora. La investigación-práctica se basa en la subjetividad, experiencia y aprendizaje académico de un cuerpo transneutro durante el proceso de licenciatura. Utiliza el conocimiento de artistas travestis para dialogar con la biblioteca de contenidos creados durante la licenciatura, con el objetivo de crear una narrativa transgénero.

**Palabras clave:** Performance; Cuerpo Archivo; Cuerpo Mídia; Memorial; Mediación Cultural.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> - Foto de divulgação	17
<b>Imagem 2</b> - Foto de divulgação da performance	19
<b>Imagem 3</b> - Coleção de fotografias para divulgação	21
<b>Imagem 4</b> - Fotografia de divulgação	22
<b>Imagem 5</b> – Caderno com Partitura	22
<b>Imagem 6</b> - QR para assistir a Performance	23
<b>Imagem 7</b> - Fotografia realizada durante a apresentação	24
<b>Imagem 8</b> - Execução da performance nos seus últimos momentos	25
<b>Imagem 9</b> - Ilustração de referência de Guaman Poma	26
<b>Imagem 10</b> – Ilustração de divulgação	27
<b>Imagem 11</b> - Registro de parte do público	29
<b>Imagem 12</b> - Registro do final da apresentação	32
<b>Imagem 13</b> - Palco do Teatro Municipal de Santo André	33
<b>Imagem 14</b> - Apresentação	37
<b>Imagem 15</b> – Final de apresentação	38
<b>Imagem 16</b> - Referências visuais	39
<b>Imagem 17</b> - Partitura página um	37
<b>Imagem 18</b> – Partitura página dois	

## SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA.....	3
AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO.....	7
RESUMEN.....	8
LISTA DE IMAGENS (OPCIONAL).....	9
SUMÁRIO.....	10
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. NASCI PARA SER VIRTUOSO.....</b>	<b>14</b>
2.1. OS TRÂMITES SOCIAIS DE UM NOME.....	14
2.2. SERÁ QUE EXISTE ESSA RESPOSTA?.....	15
2.3. POR QUE COMIGO SERIA DIFERENTE, 25 de abril de 2022.....	17
<b>3. HAY GENTE HAMBRIENTA.....</b>	<b>24</b>
3.1. BANQUETE INAUGURAL DO R.U., 17 maio de 2023.....	24
3.2. O QUEER E AS MINHAS ARTES.....	30
<b>4. UM CORPO URGENTE É CARNE DO PRESENTE.....</b>	<b>34</b>
4.1. CORPO-ARQUIVO em TRANS.....	34
4.2. JARDÍN DE LAS HIERBAS DA NINHA, maio de 2023.....	37
<b>5. LEMBRE DE MIM.....</b>	<b>42</b>
5.1. DIÁRIO DE BORDO.....	42
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>57</b>
<b>7. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>59</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>60</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Há quem se engane que durante essas páginas será somente um ensaio que conclui uma graduação. Será nestas linhas que teorizo partes da minha vida; partes de quem sou. Apresento minha corporalidade, minha transição de gênero e alguns dos meus processos criativos em uma grande conversa com as bibliografias. Este memorial compõem minha investigação final no curso de bacharelado de Mediação Cultural - Artes e Letras, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Escolho, antes disso, apresentar-me e apresentar os motivos que me fazem performar para finalizar o curso.

Sou Fadel Gutierrez (utilizo pronomes ele/dele), vivi na Grande São Paulo, precisamente em Santo André, durante as décadas de 2000 e 2010. No meu crescimento, estive exposto a oficinas e cursos livres que o município disponibiliza para a população. Minha família me impulsionou de forma demasiada para que estivesse em constante contato com as mais variadas linguagens artísticas, seja música, teatro e, especialmente, a dança. Graças à resistência das Escolas Livres de Santo André, pude passar longos anos da minha vida movimentando meu corpo, no que seria a ELD (Escola Livre de Dança), entre meus 8 anos até meus 18 anos. Passando por quase todo o processo formativo da escola. Ao chegar na graduação de Mediação Cultural, percebi que todo aquele conhecimento poderia ser agregado aos saberes que na academia adquiri.

Ao chegar em Foz do Iguaçu, tive a coragem de iniciar meu processo de transição abertamente para meu entorno. Na época, não sabia ao certo em qual categoria me encaixava (e, tão pouco, meu nome), mas tinha certeza que era dentro do enorme guarda-chuva que é a não-binariedade. Hoje me identifico enquanto uma pessoa não-binária *boyceta*<sup>1</sup>. A graduação teve um papel fundamental para minha transição, um lugar onde pude conhecer outras pessoas transgêneras, transcentrar e expressar meu gênero de forma reconhecida.

---

<sup>1</sup> Termo que designa pessoas transmasculinas. Surge de um empréstimo linguístico do inglês (“boy”, significando garoto) com a junção de “ceta” (referente a “*buceta*”, termo popular para vulva), significando um homem com vulva.

Este memorial será escrito em linguagem neutra<sup>2</sup> e parte de três processos: revisão, criação e gestão. A revisão é a conversa entre minhas criações passadas e as bibliografias, a fim de entender meus primeiros passos entre transição de gênero e criação artística. A criação se inicia a partir da revisão, baseia-se no movimento de olhar para o passado a fim de constituir uma obra sobre a minha trajetória na graduação, tendo um enfoque maior no processo de criação. Esses dois primeiros processos estão documentados neste memorial, uma vez cujo objetivo é descrever para assim debater com as bibliografias escolhidas.

O último passo é a gestão do projeto, uma vez que a performance final necessita de gestão cultural para ser executada. É importante salientar que o desenvolvimento da gestão cultural está em segundo plano para a escrita deste memorial, pois, aqui cabe somente a criação. Idealizei em conjunto com algumas colegas a aplicação da obra final para três editais FUNARTE RETOMADA -DANÇA, Concurso para Seleção de Projetos de Produção e Difusão Cultural (02/2023) e a Lei Paulo Gustavo (modalidades 002/2023 e 004/2023). Mesmo não tendo o projeto não sendo habilitado em nenhum edital, ainda ocorreu esse movimento de gerir a obra em coletivo.

Performo no fim da graduação, pois foi a maneira que encontrei para permanecer nos estudos, por ser uma forma de expressar minhas urgências. Todas as obras foram processos para sinalizar uma demanda necessária à comunidade que faço parte. Finalizar Mediação Cultural - Artes e Letras com a performance "*Lembre de mim*" é um movimento cíclico embasado com as minhas vivências de persistência em um espaço de que pensei em evadir. É a possibilidade de criar uma narrativa transgênera da qual pessoas não-binárias possam se identificar, uma vez que nos falta uma narrativa de protagonismo. Que essa seja uma *história* que ultrapasse a marginalidade imposta a nós, transgêneros; pois, a alteração de uma sociedade se pauta pela mobilização de sua cultura, no âmbito simbólico e material.

A escrita desse trabalho será dividida em quatro capítulos, todos ensaiando entre o teórico e as criações artísticas que fiz. O capítulo "*Nasci para ser virtuoso*" será sobre minha primeira performance, "*Por que comigo seria diferente?*", da qual

---

<sup>2</sup> Sigo o manual de linguagem neutra de Gionê Caê, o trabalho de conclusão de curso do colega egresso de Letras da Unioeste. O design do manual foi feito pela Frente Trans Unileira, coletivo de acolhimento e extensão da universidade. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/informes/manual-de-linguagem-neutra/Manualdelinguagemneutraport.pdf>. Acesso: 20 de mar. de 2024.

retrata sobre cidadania transgênera. O segundo capítulo, *“Hay Gente Hambrienta”*, descreve a intervenção artística não literal sobre a ausência de um Restaurante Universitário no campus e o papel político de performar a partir das nossas vivências. O terceiro, *“Um corpo urgente é carne do presente”*, é um paralelo entre a performance *“Jardín de las Hierbas da Ninha”* e o corpo-mídia, colonialidade e processos criativos. O último, encerra com a performance *Lembre de Mim* e como foi sua produção, com a escrita do diário de bordo. Todos os capítulos têm imagens e algumas outras formas artísticas, para que materializasse meus registros subjetivos.

## 2. NASCI PARA SER VIRTUOSO

*O que há em um nome?  
Uma rosa, com qualquer outro nome,  
teria **OUTRO** perfume*<sup>3</sup>

### 2.1. OS TRÂMITES SOCIAIS DE UM NOME

Entre a comunidade trans, é comum o relato das instituições negando nossos nomes sociais, entre violências implícitas e explícitas. O ato educado de tratar as pessoas como gostariam é, a meu ver, manutenção da saúde mental de uma parcela da população e, em consequência, ampliação de possibilidades para nós - pois, não é só como me *chamam*; é meu exercício a cidadania. No Estado brasileiro, nome social é uma política recente em relação à escrita deste memorial; efetivada durante o mandato da presidenta Dilma Rousseff (2011-2016), da qual "(...) dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional."<sup>4</sup>

Localizando o tema no ambiente da graduação, sabe-se que o MEC (Ministério da Educação) predispôs tal recurso na aplicação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) desde 2014. Ao ingressar nas universidades, discentes trans, têm esse direito igualmente; professores e servidores são também contemplados por essa ação. A universidade, em si, "se destaca como um foco de onde irradia um processo de legitimação dos direitos de todos os cidadãos, sem traço de distinções." (SILVA, 2019), uma vez que de lá que saem teorias e mediações para a sociedade.

No artigo de Silva (2019)<sup>5</sup> é traçado uma análise em relação a como foram feitos os debates no que tange a regulamentação do nome social nas universidades estaduais do Paraná, como a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). As instituições que

---

<sup>3</sup> *Esse é um excerto de "Romeu e Julieta", de Shakespeare, com intervenção de autore. O trecho original seria "O que há em um nome? Uma rosa, com qualquer outro nome teria o mesmo perfume."*

<sup>4</sup> BRASIL. Decreto nº 8727, de 28 de abril de 2019. **Planalto**: Brasília, DF, ano 2019, 28 de abr. de 2016.

<sup>5</sup> A autora é doutoranda de Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Mestre tanto em Ciências Sociais (2017) quanto em Educação (2019) pela UEL. Para o memorial, converso com sua bagagem sobre educação e cidadania.

serviram como objeto de estudo apresentam extensão, núcleo ou comitês de debate sobre gênero, demonstrando a urgência de pautas ligadas à isonomia entre todas. Da mesma forma, demonstra a importância da comunidade acadêmica em participar dos debates que acercam as dissidências. O engajamento é indispensável para pensar no acesso e permanência de muitos transgêneros que foram negados. E a autora (Silva, 2019) ainda destaca a participação da discente Alicia Kruger, mulher transgênero, por ser uma das primeiras a reivindicar o nome social na UEPG.

A realidade é distinta da escrita burocrática, ressalta a busca necessária dos caminhos viáveis para que todas possamos vivenciar equidade em nossa cidadania. Sem nome não há Registro Geral (RG), Registro Nacional Migratório (RNM), Cadastro de Pessoa Física (CPF) e entre outras tantas papeladas que nos possibilita moradia, alimentação, acesso à saúde, ... *existir na e em sociedade*. Entretanto, o registro não é suficiente, pois o que adianta o nome social nas documentações, se a forma do atendimento a nós é violenta? Se é um estresse constante por sermos chamados e tratados de maneira respeitosa?

## 2.2. SERÁ QUE EXISTE ESSA RESPOSTA?

Para tentar entender as perguntas formuladas, vamos ter que embarcar em uma viagem teórica de muitas camadas, das quais tão pouco cabe em trabalho de conclusão de curso responder todas essas questões. Entretanto, pretendo neste capítulo ensaiar com alguns autores e expor a minha reflexão acerca de um apagamento histórico que nos leva a um tratamento incabível das instituições perante nós.

Para compreensão histórica das dissidências sexuais, uso a monografia *“Identidades de Fronteiras e Corpos Marginais: território de violência e combatividade”* (2017) de Raffaelly de la Congo Rosa. Artista brasileira travesti formada na Universidade de Brasília (UnB), cuja pesquisa artística utiliza fotografia e audiovisual para criar um acervo de memória e história transgênera, entre o real e a ficção. Sua última obra foi o curta-metragem de nome *“As Inesquecíveis”* (2023).

No que tange a perspectiva sobre dissidência e Estado, debato com Claudia Mayer, doutora brasileira dos Estudos Literários e Culturais pela Universidade Federal de Santa Catarina, na linha de pesquisa Intersecções Teóricas e Culturais. Foi coordenadora do grupo de pesquisa Perspectivas Queer (e) Descolonialidades. Atua nas áreas de decolonialidade, teoria *queer*, anarquismo e crítica cultural.

Expressões de gênero e sexualidade foram/são plurais no território; sempre existiram. Segundo a argumentação da autora (Rosa, 2017) sobre os termos transgênero, gay, lésbica e afins, são consequências da modernidade oriunda do pensamento eurocêntrico; ou seja, são conceituações para criar contrastes entre aquilo que é civil e marginal. É uma perspectiva da qual trabalha com conceituação binária para qualificar aquilo que *está de acordo ou não* com o projeto de progresso. O que acarreta a prática de subjugar, cuja origem chega com a colonização; a hierarquização é uma das bases de como se organiza a sociedade ocidentalizada no capitalismo moderno.

A modernização é também o trajeto de formação das identidades de Estado-Nação, em uma concepção homogênea e isomorfa diante das localidades que geram identificação entre *uma comunidade* (Appadurai<sup>6</sup>, 1997). Esse projeto político - ainda hoje em vigor - visa fortalecer uma invenção de conformidade em um espaço geográfico para que a soberania seja mantida. O poder do Estado diante os corpos limita as possibilidades para que não se desvirtue da norma, sendo assim:

É o Estado que nos impõe a necessidade de declarar quais são os nossos gêneros; é o Estado que policia e autoriza nossas sexualidades através do controle das ligações emocionais através do matrimônio; o Estado regula os corpos com útero no que diz respeito à procriação; o Estado fiscaliza intimamente a configuração física das pessoas a fim de classificá-las e determinar como elas devem ser tratadas, quais suas possibilidades de mobilidade, emprego, entre outras (...) (MAYER, 2019, p.3)

Desviar da norma imposta é ser tida como *estranhe, coitada e doente*. Por causa de não termos políticas públicas que nos assegure, ao todo, os nossos direitos civis; por estarmos com poucos representantes transgênero nos espaços de debates políticos (instâncias jurídica, legislativa e tributária); por inúmeras situações de vulnerabilidade geridas por um Estado-patriarcal, do qual nos hostiliza.

Acredito que uma das camadas que corroboram para a hostilização é a violência constante de apagamento da nossa história, enquanto população transgênero. Rosa (2017), em seu primeiro capítulo de dissertação, discute sobre o ato dos europeus de subjugar tibiras (homens que se relacionam com outros homens) e çacoaimbeguira (mulheres que se relacionam com mulheres), do povo Tupinambá (Mott, 2011, pág.89 apud. Rosa, 2017), por suas práticas sexuais. O pensamento cristão subjuguou corpos como de Xica Manicongo, escrava de um

---

<sup>6</sup> Autor, professor e antropólogo, Arjun Appadurai tem estudos sobre modernização, globalização e identidade na perspectiva decolonial.

sapateiro de Salvador (em 1591) e a primeira travesti não-indígenas que temos registros; sofre denúncia por usufruir de vestimentas tidas como femininas e não atender por seu nome de batismo (Rosa, 2017, p.12).

Quando houve o processo de colonização, tibiras eram tratados como nefastos, pelos que aqui estavam colonizando (Rosa, 2017, p.12). Hoje, saudamos a Judith Butler por tantos estudos voltados à identidade de gênero que nos legitimam enquanto existência (Perra<sup>7</sup>, 2014, p.3).

Parece que tudo o que tínhamos feito no passado, atualmente se amotina e se harmoniza dentro do que São Foucault descrevia em seus anos na História da Sexualidade e que mesclado com os anos de maravilhoso feminismo finalmente acabam no que Santa Butler inscreveu como queer. (PERRA, 2014, p.3)

Quando uma de nós, transgêneros, é assassinada, é como se uma biblioteca fosse incendiada. Ainda somos expostas a todos os traços violentos dos conquistadores, dos quais tentam manter a homogeneidade social binária-cisgênera-heterossexual (Perra, 2014, p.2). A população transgênero sofre com epistemicídio, que desencadeia inúmeras violências no âmbito material (degradação a vida de terceiros) e, por consequência, simbólico (a manutenção para que sejamos esquecidas). Uma das minhas dúvidas constantes ao fazer as minhas performances é quem tem o direito de ser lembrado, pois acho que eu não gostaria de ser esquecido como todas antepassadas minhas, travestis, transmasculines e transsexuais.

### 2.3. POR QUE COMIGO SERIA DIFERENTE, 25 de abril de 2022

*Meu nome não é esse.  
Já falei, já disse. Quantas vezes preciso repetir.  
Não é esse.  
Não é uma canetada por de baixo dos panos  
É a transfobia desse país insano  
Quer que eu não responda por Fadel.*

---

<sup>7</sup> Hija de Perra é uma artista chilena, performer, estilista de moda, historiadora da arte e ativista pelos direitos das dissidências sexuais. É uma figura de extrema importância por dar visibilidade às nossas vidas subalternas, que servia de ponte para entre nós e a sociedade normativa.

**Imagem 1** - Foto de divulgação



FONTE: acervo pessoal de artista, 2022.

Essa foi uma criação que surgiu através da pauta de **nome social** e minha relação com essa política.

Minhas iguais tiveram problema por serem chamadas como são; comigo não foi diferente. Depois de dois anos usufruindo nome social, do dia para noite tive a notificação que não teria mais acesso a essa política por não existir uma solicitação. Geraram um novo login com meus dados de registro, me dando a possibilidade de um novo chamado para acessar novamente o nome social. Na época, era bolsista de iniciação científica e perdi o acesso a TODOS os meus arquivos de pesquisa,

fiquei uns bons meses impossibilitado de acessar espaços físicos e virtuais da universidade por conta dessa mudança repentina de dados. Tanto meu acesso quanto minha permanência estavam afetadas; dependia de *logar* o Zimbra para fazer pesquisa e, quem sabe, poder receber a bolsa mensalmente para arcar com as minhas despesas aqui na cidade.

*Me disseram que eu sou como a torre de Babel  
Não me entendem, logo não querem respeitar.  
Mas que caralho, eu lá quero que tu venha me aceitar?  
Aceitar quem sou ou deixo de ser?*

**Imagem 2** - Foto de divulgação da performance



FONTE: acervo pessoal de artista, 2022.

Diante a todo esse panorama, as aulas estavam próximas a se iniciar, não sabia o que poderia fazer para chamar atenção da comunidade acadêmica em relação a essa pauta. Conversando com minhas amigas da época, me indicaram a intervenção no campus com a performance. Produzimos fotos, *teasers*, cartazes e uma grande divulgação *boca a boca*.

A primeira apresentação foi no Espaço Autônomo dos Estudantes, vulgo Cantinho do Sabor. Lugar político entre a comunidade unileira, tanto pela permanência estudantil promovida pelo comércio de alimentos entre estudantes e, também, pelo histórico de ocupação do espaço. Exatamente por todo legado histórico, ali que começou a exibição da obra; me proporcionando mais duas

apresentações, uma no lançamento do *fanzine* “Foguete” (2022) e, outra, na participação do evento “*Performance como Área*” (2022).

Esse episódio, em si, afetou a minha percepção sobre a *minha transição*. Comecei a transicionar em 2020, quando cheguei na universidade; o espaço universitário possibilitou a ter confiança em usar meu nome e aumentar a reflexão acerca de quem sou - exatamente pelo uso do nome social. Contudo, a mesma possibilidade para exercer a minha existência foi **tirada** tão facilmente por vias burocráticas. Odiei-me pela inocência de pensar que seria fácil; mesmo sabendo que somos poucas em instâncias maiores que a classe discente, que me diz respeito. Odiei-me por não me ver nos espaços, por não poder estudar, todavia, ter a cobrança constante de produzir avidamente capital intelectual para um lugar que tinha vínculo frágil. Odiei-me, pois compreendi como age a cisnormatividade. Culpei-me por ser quem sou.

*Eu quero mesmo ter meu nome  
Não ter fome  
Não ter medo dos meus 33 anos  
(Que é a expectativa de vida de quem é  
Como sou, profano)  
E saber que meu sonho pode ter louvor  
Que as pessoas não agem com pavor  
A eu pedir: ei, me chame de Fadel, faz favor.<sup>8</sup>*

No fim, percebi que estava com raiva de ter um sonho e não poder cumprí-lo se não tropeçasse em um milhão de obstáculos, desencadeados pela mentalidade transfóbica.

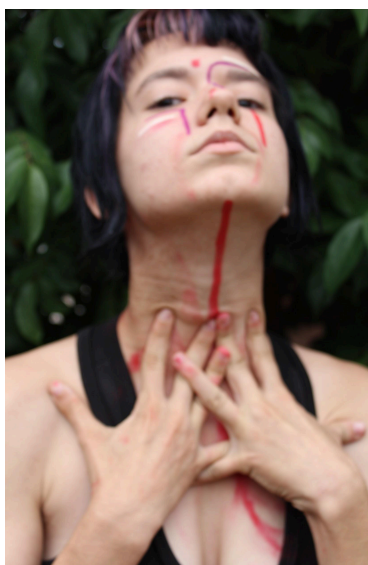
O problema do meu acesso foi uma questão de fluxo das solicitações do sistema integrado acadêmico. Por conta dessa minha movimentação pude conhecer outras pessoas trans com uma situação semelhante ao nome social e, também, começamos a nos mobilizar, gerando tanto uma alteração no fluxograma do sistema de nome social dentro da universidade como, também, um grupo de acolhimento, hoje uma extensão de nome Frente Trans Unileira (FTU).

E penso: se comigo não foi diferente, com muitos unileires tão pouco seria.

---

<sup>8</sup> Essas estrofes eram proferidas ao final da performance e, em alguns eventos, ela foi interpretada sem a performance. Gostava de pensar nas duas obras complementando-se entre si e dependentes entre ambas.

**Imagem 3** - Coleção de fotografias para divulgação



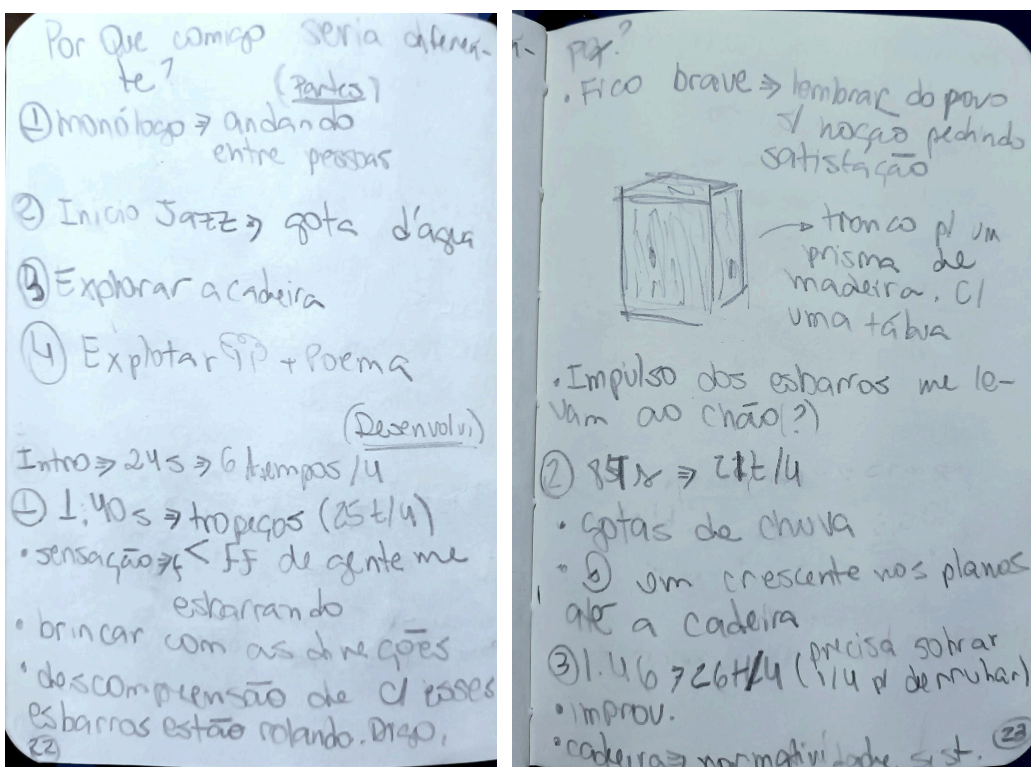
FONTE: acervo pessoal de artista, 2022.

**Imagem 4 - Fotografia de divulgação**



FONTE: acervo pessoal de artista, 2022.

**Imagem 5 - Caderno com Partitura**



FONTE: acervo pessoal de artista, 2022.

**Imagem 6** - QR para assistir a performance



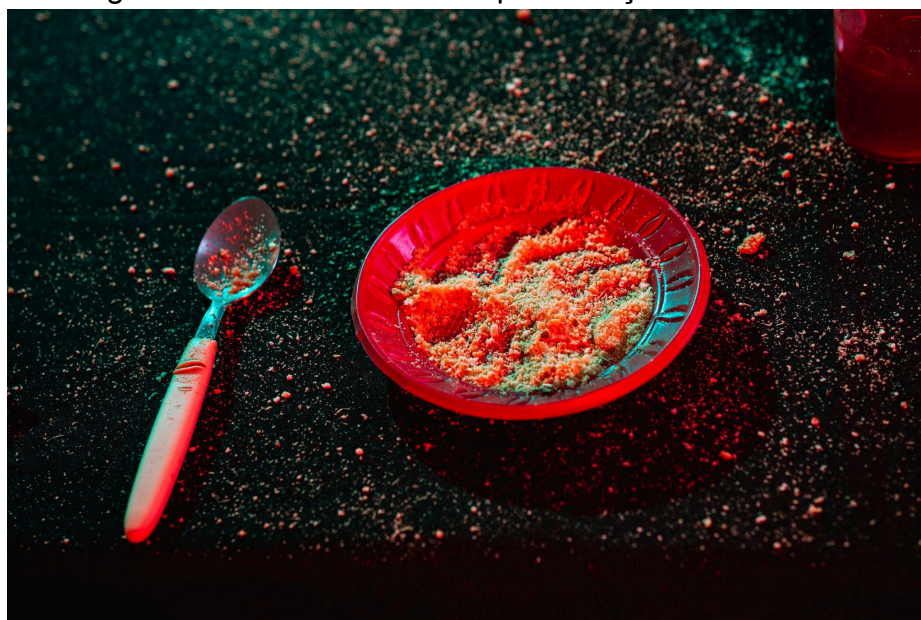
FONTE: acervo pessoal de artista, 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/xNXFDEYJiBk>>.

### 3. HAY GENTE HAMBRIENTA

#### 3.1. BANQUETE INAUGURAL DO R.U., 17 maio de 2023

Um belo dia, eu e minha amiga, Maria, estávamos esquentando **uma** marmitta para dividir **entre nós duas**, após o horário da aula. A minha amiga trouxe (em sua mochila) uma farofa pronta que compramos no mercado no início do mês; o pacote estava para findar, tal qual os poucos dias que restavam em março. Nos entre-olhamos e servimos nas nossas mãos o pouco farelo do pacote. No final, pensamos: *e se isso fosse uma performance?*

**Imagem 7** - Fotografia realizada durante a apresentação



FONTE: Equipe de fotografia do evento, 2023.

No início do semestre 2022.2<sup>9</sup>, tornou ainda mais visível entre os estudantes a necessidade de um restaurante universitário (R.U.). Esse espaço conhecido como R.U. é onde a universidade fornece alimentação nutricionalmente saudável, com segurança higiênica e de baixo custo, corroborando para a permanência daqueles que estudam<sup>10</sup>. A cada volta de recesso sabíamos que o campus da universidade estaria um pouco mais vazio, justamente pela ausência de uma soberania alimentar nas políticas unileiras. Barriga vazia não faz dossiê, a fome não escreve resenha e

<sup>9</sup> Para aqueles distantes do cotidiano da UNILA, passaremos até 2024 com uma política de semestre condensado, para que se possa recuperar o tempo de pausa das atividades acadêmicas durante o ano inicial da pandemia. Logo, a nomenclatura dos semestres não condizem com a realidade.

<sup>10</sup> Informações disponíveis neste endereço: <https://unilab.edu.br/ru-bahia/>. Acesso em: 14 de nov. 2023.

insegurança alimentar não me fez entender todos os textos apresentados durante a graduação.

No período em que se foi realizada a intervenção artística, a comunidade acadêmica estava passando por alguns debates sobre as políticas de acesso e permanência, uma vez que a gestão que estava vigente na reitoria queria implantar como medida um *food truck*<sup>11</sup> no Campus Integração - visando amenizar a falta de um restaurante universitário. A ideia consistia na universidade fornecer infraestrutura para dois estabelecimentos privados de alimentação, sem atender a demanda nutricional e econômica. Não havia diálogo entre reitoria e discentes para se pensar na necessidade material da comunidade.

### Imagem 8 - Execução da performance nos seus momentos finais



FONTE: Equipe que estava registrando o evento, 2023.

Para mim, pessoalmente, urgia a necessidade de posicionar de alguma forma o descontentamento das desmazelas que estava passando. Esse semestre foi um dos mais complicados para minha permanência (não contando as minhas desavenças com o acesso recorrentes já pontuadas); tranquei disciplinas, pois estava passando por uma vulnerabilidade econômica que me impossibilitava de ir

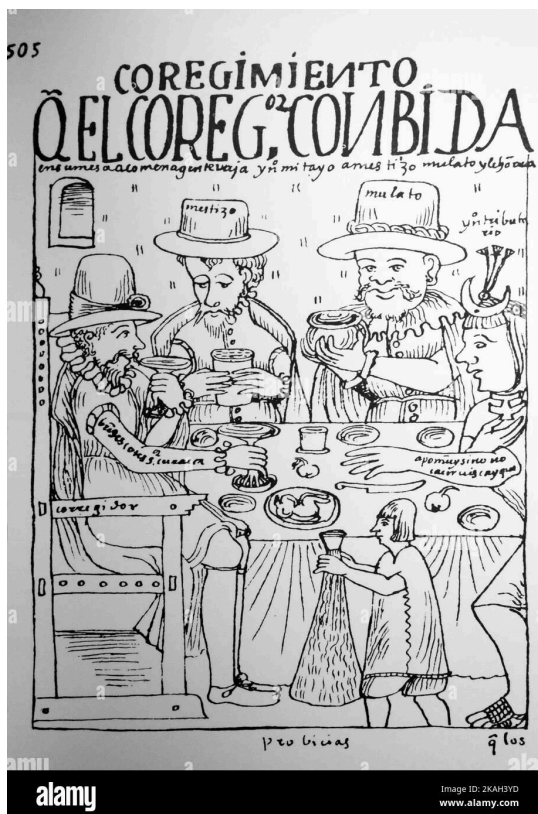
---

<sup>11</sup> Para aqueles que não tem conhecimento em relação a pauta, recomendo a leitura dessa notícia veiculada no site da universidade quando foi feita essa proposta:  
<https://portal.unila.edu.br/reitoria/espaco-reitoria/espacos-para-alimentacao-no-campus-integracao>

todos os dias às aulas. Não havia conseguido renovação na bolsa de iniciação científica (de que participava) e tão pouco havia passado em processos seletivos dentro da universidade. Estava preocupado com o desenrolar da minha graduação.

A ideia da performance surge como uma grande sátira do evento mais aguardado da universidade: a inauguração do R.U.. Entretanto, não seria uma ação que ocorreria tão cedo e da forma que gostaríamos, uma vez que estava sendo cogitado um *food truck*. Era idealizado seis atores, três para compor cena e três para estar na plateia; entretanto, no final foram três atuando e uma pessoa enquanto espectador, sendo duas pessoas luso-falantes (contando comigo) e duas pessoas hispanohablantes. A exibição ocorreu no espaço autônomo dos estudantes, durante a Feirinha Agroecológica (com vendas de produtos orgânicos) no Campus Jardim Universitário - por sorte, no dia estavam acontecendo outros eventos ligados à soberania alimentar, incluindo uma *olla comunitária*.

**Imagem 9** - Ilustração de referência de Guaman Poma



FONTE: Retirada do seguinte endereço:

<https://www.alamy.es/imagenes/felipe-guaman-poma.html?sortBy=relevant>. Acesso em: 14 de nov. de 2023.

O primeiro processo criativo foi a escrita do roteiro, que passou por muitas alterações durante os ensaios. A trama consistia em três estudantes que fariam o banquete através do compartilhamento de talheres e comida, enquanto conversavam sobre a situação da universidade com escárnio. Foi satirizado que estávamos comendo farofa e comemorando o *foodtruck* - ao mesmo tempo que outras universidades têm políticas sólidas em relação à alimentação. Enquanto aqueles discentes comem, um estudante na plateia começa a interagir com repúdio à proposta de pensar políticas de acesso e permanência (ao som de “*Tem gente com fome*”, de Ney Matogrosso). Essa seria uma metáfora ao perfil de certos discentes que tem uma comodidade socioeconômica e que não fazem questão de acessar o cenário político universitário (uma vez que não são atingidos). Ao final, aqueles que estavam na mesa começaram a dar seus testemunhos em relação à fome e ao estudo.

**Imagem 10** - Ilustração de Divulgação



FONTE: Ilustração feita por Rodrigo Sosa, 2023.

Uma das imagens que foi referência base é a ilustração de Guaman Poma, um cronista quechua do século XVI, do qual utilizava tanto da escrita quanto das ilustrações no seu ofício perante a Coroa Espanhola. Nas disciplinas “Invenção da América”, “Estudos da Tradução”, “Tradução Cultural” e “Oralidade, Discurso e Sociedade”, Guamán Poma nos é apresentado como mediador do seu tempo histórico, pois criou uma ponte comunicativa entre duas civilizações (europeus e indígenas), na busca do que hoje denominamos como interculturalidade. O contato com esse cronista durante a graduação me chamou atenção, em principal a figura escolhida como referência da ilustração. É um banquete do qual os europeus aparecem na mesa em um tamanho grande, enquanto a figura indígena está à margem e é pequena (disposto na Imagem 10). Escolhi fazer tal referência por ser uma figura bastante presente na graduação e apresentar uma situação de humilhação a partir de uma situação política.

Outra referência é a performance “Comida 2/2” (1983)<sup>12</sup>, de Sybil Brintrup<sup>13</sup>, que apresenta duas pessoas comendo de maneira contemplativa - sendo essa uma qualidade que almejava para a obra. Por último, o logo da campanha “Brasil Fome Zero” (2003)<sup>14</sup>, com o slogan de “Brasil que come ajudando o Brasil que tem fome”. Para além das imagens, foram utilizadas as vivências pessoais de cada um, para construção total do que seria feito em cena; os testemunhos, do final da peça, materializam essa intimidade e foram aprimorados durante o mês de abril, que corresponde ao período que fizemos os ensaios.

Foi uma exibição da qual mobilizou alguns setores da comunidade. Primeiro foi a mobilização social, precisou de pessoas para constituir a apresentação; enquanto artistas e público. Segundo foi o uso do capital intelectual presente na universidade, aqueles que estavam atuando eram de Mediação Cultural - Artes e Letras e puderam pensar em melhores maneiras de abordar a temática para o público e, de igual, possibilitar um roteiro que está tanto em português quanto em espanhol (considerando o idioma de cada um presente ali). Ainda sobre discentes de Mediação Cultural, uma pessoa do curso se disponibilizou a fazer a arte de divulgação, com base nas referências das imagens já citadas e com competência

---

<sup>12</sup> Performance completa em: [https://youtu.be/q0lwviZnMOU?si=-8lzAwvztE\\_1HhAO](https://youtu.be/q0lwviZnMOU?si=-8lzAwvztE_1HhAO)

<sup>13</sup> Sybil Brintrup é uma artista chilena que mistura linguagens nos seus processos artísticos.

<sup>14</sup> A propaganda que serviu para inspiração foi a do seguinte endereço: <https://youtu.be/wUtngmYTN0A?si=xZODp1NttVZbRyNK>

imensurável. Também, algumas pessoas do curso de Cinema e Audiovisual se disponibilizaram para auxiliar na iluminação da apresentação e registro. E, terceiro e último, utilizamos de todo o suporte possível que a universidade nos garante, como uso dos equipamentos (fresnel e câmera), divulgação nos canais da universidade (como La Semana Unileira) e o espaço físico ocupado durante a apresentação.

Foi gratificante presenciar o encontro das pessoas participando dessa criação e assistindo. Agradeço a todos que se disponibilizaram a estar presente no processo. Acredito que essa criação possibilitou que pudéssemos falar das nossas inseguranças em relação à universidade; foi pelos ensaios que dimensioneiei que a fome estava pelos arredores da instituição e com colegas meus, que a precariedade é uma experiência compartilhada na nossa vivência universitária unileira

#### **Imagem 11 - Registro de parte do público**



FONTE: Equipe que registrou o evento, 2023.

Percebe-se nas duas performances descritas (tanto a deste capítulo como a do anterior), essa necessidade do “(...) direito de existir e resistir.” (Mayer, 2019, p.4) através da reivindicação de direitos básicos (alimentação, estudo, nome, ...). A possibilidade de criar gera um espaço no qual se pode repensar a própria humanidade e uma abertura para realização de futuros possíveis (Gonçalves, Oliveira, Benevides, 2020). Há uma urgência do panorama presente, que nos obriga

a uma adequação para a sobrevivência (Gonçalves, Oliveira, Benevides, 2020) - e não para a vida plena em si, já que existem constantes epistemicídios para nós, subalternizadas. A arte cumpre o papel de gerar ferramentas que estimulam a análise do lugar que ocupamos para a condição almejada.

Disponibilizo o roteiro e as imagens da performance em anexo no código QR.

### 3.2. O QUEER E AS MINHAS ARTES

O termo *queer* se refere a um não-conceito, que de forma resumida coincide com uma perspectiva plural de expressão de sexualidade e gênero - fora do escopo heteronormativo e binário (Mayer, 2019). Muito se associa esse termo a uma identidade guarda-chuva desviante da norma; de fato, pode ser compreendida dessa forma, entretanto, é uma conduta contra-hegemônica crítica. Ou seja, é o exercício constante de “Resistência, criação e reinvenção (...)” (Mayer, 2019, p.2) diante das expectativas, hábitos e normas sociais.

Se *queer* se constitui entre fazeres críticos contra as hegemonias e os sistemas de controle, temos como perspectiva *queer* a análise de conjunturas políticas de forma abrangente, sem nos impor limites, de maneira a estranhar - aqui recorrendo ao significado da palavra *queer* em inglês, que é “estranho” - aquilo que vem sendo construído e disseminado como normal, que é estabelecido como natural. (MAYER, 2019, p.4)

A autora Cláudia Mayer propõe uma reflexão sobre o “*queer no Brasil*” (2019), termo do qual surge nos Estados Unidos para taxar aqueles que são desviantes da heterossexualidade. Através do anarquismo, a autora destaca a necessidade do movimento constante de questionar o que é naturalizado para recuperar saberes subalternizados; dar notoriedade para aqueles marginalizados que não cumprem e não são contemplados pelo plano de desenvolvimento e progresso. É a luta constante pelo reconhecimento da existência e do seu direito pleno de ser cumprida.

Não consigo desvincular a ideia de criação sem a possibilidade da mudança do meu entorno, pois crio para sobreviver; invento para estar presente. Sigo a mentalidade da “*Manifestações textuais (insubmissas) travesti*”, de Sara Wagner

Pimenta Gonçalves Jr.<sup>15</sup>, Megg Rayara Gomes Oliveira<sup>16</sup> e Bruna Benevides<sup>17</sup> (2020), do qual apresenta um futuro distante da negatividade imposta pela heterossexualidade e cis-binariedade compulsória por meio da visão transfeminista e transativista. Quero que as pessoas sejam respeitadas nos processos criativos, independente de como elas se identificam, uma vez que almejo a liberdade. Como no “*Manifestações textuais (insubmissas) travesti*”, que prega o “(...) senso de coletividade, compromisso com a transformação e ruptura das estruturas transfóbicas e de exclusão.” (Gonçalves, Oliveira, Benevides, 2020, p.9), busco possibilitar que todes tenham lugar para expor suas perspectivas e serem contemplades pelo que está em cena - uma vez que sou sincero com o que penso.

Não idealizo a cena sozinho, componho em comunhão. Entendo que a obra de Gonçalves, Oliveira e Benevides seja voltada para a comunidade transgênera, porém, abranjo essa perspectiva para todes a minha volta, sendo essa a postura *queer*, de Mayer (2019), que acredito. Abro o caminho dos programas performáticos aos dissidentes, pois vivemos em sociedade e acredito que é no coletivo plural que podemos constituir uma mentalidade de renovação. Não desejo a quem participa e para aqueles que assistem uma posição passiva no que apresento, espero “(...) empenho de reflexão, para que seja práxis.” (Freire, 2019, p.72) as pautas das quais são levantadas.

Minha vivência em palco italiano da minha cidade natal (como na Imagem 13), de antes da graduação, me faz refletir em possibilidades horizontalizadas entre artista e espectador. O artista, nesse espaço, se distancia do público; em uma situação de “Narração ou dissertação que implica um sujeito - o narrador - e objetos pacientes, ouvintes (...)” (Freire, 2019, p.79). Tanto pela concepção arquitetônica dos palcos, quanto os lugares que se encontram (como nos centros das cidades) e pela linguagem da obra (no meu caso, dança contemporânea e performance), tem-se a constância de distanciamento por questões de classe, geográficas e de depositar a arte para o espectador. Um movimento semelhante à “concepção bancária”, de

---

<sup>15</sup> Autora brasileira é doutoranda em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Trabalha com o conceito de transepistemologia. É travesti, deificiente visual, pai e avô.

<sup>16</sup> Oliveira é doutora brasileira em Educação pela Universidade Federal do Paraná, discutindo temáticas sobre relações raciais, arte afro-brasileira e gênero e diversidade sexual. É travesti, negra e com um engajamento acadêmico imensurável.

<sup>17</sup> Benevides é uma ativista brasileira pelos direitos humanos, palestrante sobre gênero e diversidade, militar da marinha do Brasil e secretária da articulação política da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA). É travesti e negra.

Paulo Freire (2019), educador e filósofo brasileiro. Esse termo é utilizado para descrever o processo de educação assimétrica, do qual somente o educador está em um lugar de poder e sabedoria em relação aos educandos, que são educados. Diante dessa perspectiva, aquele que está estudando é um mero objeto que necessita ter a experiência narrada despejada sobre si.

**Imagem 12** - Registro do final da apresentação



FONTE: equipe que registrou o evento, 2023.

Estar na graduação, em contato com diversos saberes, me trouxe o choque que talvez as linguagens artísticas das quais tinha intimidade não tinham o perfil acessível - pela forma que aprendi. Estudar dança contemporânea se pautando somente em referências europeias cria esse vão entre *eu*, artista, e o público mais amplo, que alcance diferentes classes sociais; é uma arte que permeia as elites culturais. Entretanto, foram mostrados caminhos possíveis para que pudesse criar em uma prática que corrobora a comunidade se movimentar e perceber sua participação no sistema desigual (Freire, 2019), mesmo sempre postos à margem.

Na intervenção do “*Banquete Inaugural do R.U.*” é presente o compromisso com a coletividade; as pessoas envolvidas no projeto foram convidadas através da percepção do perfil que portavam. Gostaria de dar esse espaço para todes atingidas pela ausência de R.U., pois essa vulnerabilidade não é apenas minha. Foi escolhido

o evento para exibição para que se chegasse a mais pessoas, por ser um lugar corriqueiro de troca universitária. Mesmo entre os cheiros verdes que estavam sendo vendidos na Feira Agroecológica feita pelos Estudantes, as vendas de pastéis e as atrações do dia, sinto que foi atingido o objetivo desejado: a reflexão.

**Imagem 13:** Palco do Teatro Municipal de Santo André.



FONTE: Revista Unick. Disponível em: <https://revistaunick.com.br/teatro-municipal-de-santo-andre-recebe-serie-de-melhorias/>. Acesso em: 18 de nov de 2023.

## 4. UM CORPO URGENTE É CARNE DO PRESENTE

### 4.1. CORPO-ARQUIVO em TRANS

No livro “*O Corpo: pistas para estudos indisciplinados*” (Greiner, 2005), é apresentado ao leitor o desenvolvimento da pesquisa de Christine Greiner para que, por último, seja exposto à teoria da corpomídia (teoria compartilhada com Helena Katz<sup>18</sup>). A obra se desenvolve em quatro capítulos, percorrendo a partir das primeiras teorias sobre o corpo (na perspectiva biológica) para se chegar nos processos comunicativos do corpo artista. A autora é professora livre-docente pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com estudos de corpo e comunicação com ênfase em dança.

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda a informação que chega entra em negociação com as que já estão. (...) A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite no processo de contaminação. (KATZ; GREINER, 2005).

Todas as imagens internalizadas são “(...) representações neurais que ocorrem nos córtices sensoriais iniciais<sup>19</sup> (...)” (Greiner, 2005, p.71), do qual, corresponde o nosso repositório de referenciais. Dentro da teorização de Greiner (2005), imagens se referem a fluxos baseados em padrões mentais retidos - dos quais são oriundos de estímulos ao corpo (cheiros, sentimentos, memórias, movimentações e outras inúmeras possibilidades). No que diz respeito à área dos estudos culturais, a autora afirma que analisar a cultura e corpo é compreender que os limites são ficcionais, que as fronteiras são além da geopolítica, sendo uma operação mental na forma de organização de uma mentalidade.

Nos estudos sobre a colonialidade, o autor Aníbal Quijano apresenta reflexões sobre as temáticas em volta da modernidade e eurocentrismo no que tange a história da América Latina. Quijano é estudioso da sociologia, pensador importante dos estudos decoloniais e foi um dos participantes da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe); introduzido a mim na matéria de

<sup>18</sup> Essa é uma das principais autoras e pesquisadoras no que tange estudos sobre dança no Brasil, com um currículo entre crítica de dança, literatura e comunicação. Sua principal teoria é sobre a tratada neste memorial. É doutora na Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), do programa de Comunicação e Semiótica.

<sup>19</sup> Nosso sistema nervoso apresenta o sistema sensorial, do qual processa todos os sinais sensoriais e destina até o cérebro, através dos neurônios sensoriais.

Genealogia das Mentalidades (acredito que seja uma matéria base para o que representa o curso de bacharel que me formo).

O autor (Quijano, 2005) afirma que a colonialidade se mantém como um padrão mental e emocional, como subjetividade que cerca a visão de identidades próprias, forjadas a partir dos processos históricos e sociais do continente. Ele propõe a diferença cultural que atravessa a questão simbólica, subjetiva e identitária como uma chave importante para a compreensão dos processos culturais, políticos e econômicos, da América Latina e Caribe. O processo de colonização imprimiu ações que levaram a novas configurações culturais que, por sua vez, alteraram a relação intersubjetiva das populações locais; uma vez que o invasor expropriou aqueles que estavam nas terras, reprimiram as subjetividades presentes e submeteram aprender a cultura daquele que os domina (Quijano, 2005, p.121). Nesse panorama, no “(...) não-europeu/pré-europeu a algo que com o tempo se ‘europeizará’ ou ‘modernizará’.” (Quijano, 2005, p. 129).

A modernização foi debatida no capítulo “*Nasci para ser virtuoso*”, retomando a criação do limite entre identidades oriundas da criação do Estado-nação. A modernidade leva a percepção que o tempo é produzido pela ação da humanidade, altera a relação e é um conflito de interesses sociais (Quijano, 2005). Pode-se dizer que acarreta um processo de heterogeneidade conflitiva; inúmeros povos foram desapegados forçadamente de sua pluralidade, alterando para uma identidade negativa e colonial para aqueles colonizados (reduzidos a estereótipos, como a pluralidade dos povos originários sendo universalizadas como *indígenas*). Assim, sofrendo o processo de inferiorização.

O que nos leva para a discussão sobre a qualificação do que é um corpo e do que é um “não-corpo”. Tido enquanto inferior (o “não-corpo”), por não possuir “racionalidade” dentro do escopo europeu de inteligência, muitos foram os sujeitos inferiorizados por serem equiparados a “(...) objetos de estudo, ‘corpo’ em consequência, mais próximos da ‘natureza’<sup>20</sup>. Em certo sentido, isto os converte em domináveis e exploráveis.” (Quijano, 2005, p.129) por não pertencerem ao padrão hegemônico de corporalidade.

---

<sup>20</sup> Neste excerto, o autor utiliza o elemento “natureza” pois, na mentalidade dos invasores, assim como o tempo, a natureza se faz manipulável para dominação/exploração; difere do pensamento que existia de ser algo místico e “incontrolável”.

Essa dinâmica complexa promove o afastamento dos signos dos quais afirmam sua identidade; por consequência o epistemicídio de comunidades tradicionais e subalternizadas. Observar a América Latina a partir dessa análise é entender que a imagem que temos sobre nós é distorcida e distante dos padrões eurocêntricos. O corpo que transiciona está distante de tais parâmetros (como já debatido anteriormente) e, de igual modo, é posto neste lugar de “não-corpo” - acumulando inúmeras violências.

A narrativa transgênera é escassa, pois há processos intensos de despojo da subjetividade por meio da abjeção. Comunicação é um espaço de constante disputa. Assim, qual caminho é possível para um corpomídia transgênero considerando a colonialidade?

A autora Méliça Bertrand (2020), doutora nos estudos de Teatro e Performance pela Universidade de Sorbonne Nouvelle, discorreu sobre a temática do uso de memórias para criação cênica em corpos transgêneros, a partir da análise do espetáculo “*TRANS (Més enllaà)*”, de Didier Ruiz, apresentado em 2018. A apresentação constava com a base de que o corpo enquanto testemunha do corpo transgênero, com atores com poucos ou nenhuma experiência cênica. O corpo daqueles atores trans foram tratados como o que intermedia o discurso.

Um dos atores, Ian de la Rosa, ao falar de sua mastectomia, vai à frente do palco olhar os espectadores(as) das primeiras fileiras antes de tirar sua camiseta, mostrando seu torso e as marcas deixadas pela operação. Trata-se, a meus olhos, de um exemplo de corpo-arquivo cuja presença é performativa. (BERTRAND, 2020, p.9)

Bertrand (2020, p.2) afirma que o arquivo pode ser uma prótese para afirmar pontos de vistas e tornar aquele que o carrega protagonista de sua própria narrativa. Também, apresenta como “(...) repensar a institucionalização e perguntar-se quem possui o direito de criar o arquivo e quem pode dar voz ou silenciar o que vai ser preservado pelo dever de memória.” (Bertrand, 2020, p.3), enquanto afirma que é o corpo que dá forma à memória. Voltar para o passado de uma forma atualizada a partir da gestualidade, movimento e expressão.

Acredito que para este memorial as escritas se fazem presente no meu processo criativo, uma vez que uso das minhas memórias para comunicar-me em cena, no instante que performo. Usufruo do que aprendi para tecer uma narrativa distante das lógicas coloniais, para tecer um caminho diferente do imposto. Utilizo as minhas vivências como processo de autoconhecimento e, de igual, criar arquivos

sobre esse corpo que transiciona. E, o público, como menciona Bertrand (2020), tem a possibilidade de testemunhar um arquivo-transgênero.

#### 4.2. JARDÍN DE LAS HIERBAS DA NINHA, maio de 2023

Para mim, essa é uma das obras mais sensíveis para meu processo de transição. Pude ter uma troca expressiva com a artista Lea Pompom, do qual criamos uma intervenção a ser executada durante a segunda Muestra ARDER en la Frontera - um projeto de extensão da universidade de mostra de filmes cuir. Eu no Brasil, Lea na Argentina, criamos esse espaço temporário artístico.

#### Imagem 14- Apresentação



FONTE: acervo da Muestra Arder, 2023.

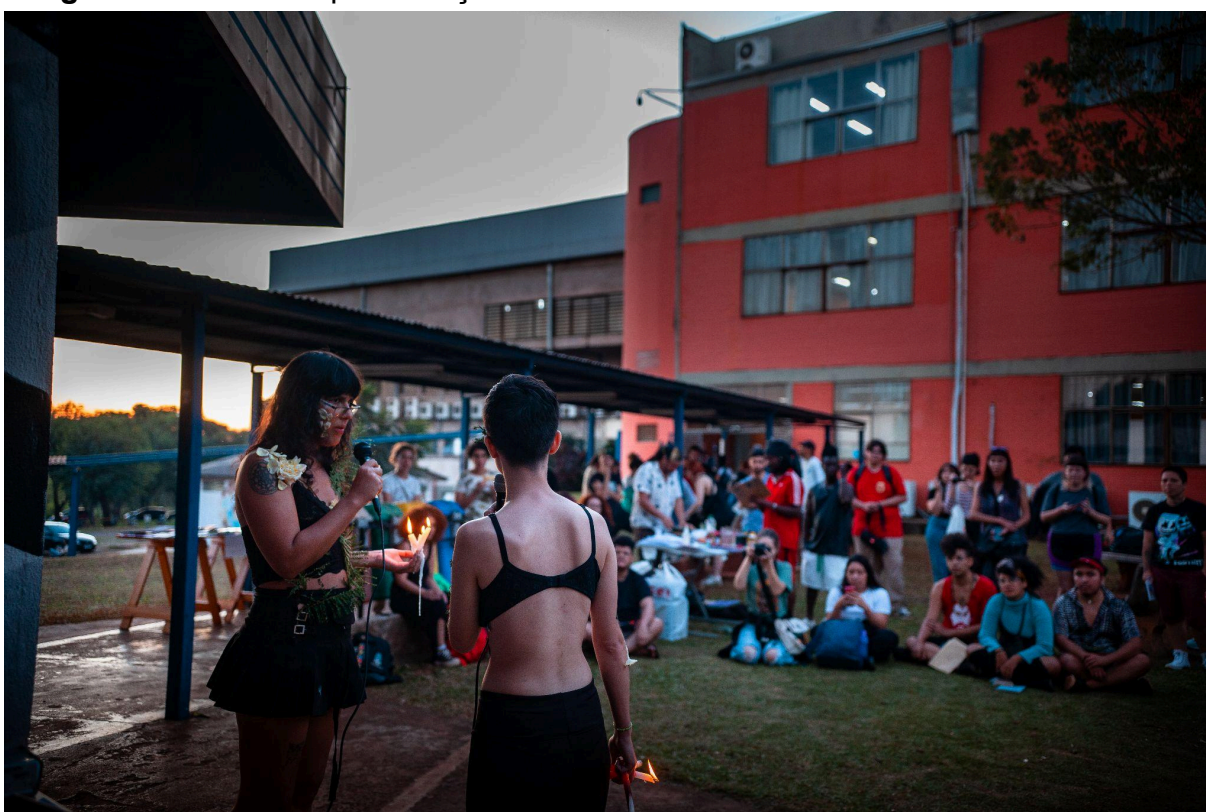
Acredito que, antes de qualquer descrição sobre a obra, devo apresentar a artista Lea Pompom. A partir das publicações via *Instagram* e redes sociais, Lea retrata a vivência da corporalidade transgênera. As expressões da artista variam em materialidade e linguagem.

Utilizamos das nossas experiências para criar, logo, compartilho aqui algumas das temáticas que queríamos tratar. Começamos a dialogar sobre *queer timing* (“tempo torto”, em uma tradução grosseira do inglês), esse é um termo respectivo a sensação de “viver em um tempo diferente do normal”. A vivência de uma pessoa

LGBTQIA+, destoa da cronologia convencional heteronormativa cisgênero (crescer, namorar, trabalhar, criar independência financeira, casar e ter filhos).

O educador e escritor Jonas Maria<sup>21</sup>, utiliza das suas redes sociais para disseminação de conteúdos ligados à literatura transgênera e estudos de gênero. Em seu vídeo “LGBT: porque você não se sente adulto” discorre sobre a temporalidade *queer*. Nas palavras do autor (2022), é um descompasso entre quem somos e quem temos que ser. O mesmo expõe que muitos de nós somos expulsos de casa precocemente, sofremos evasão escolar, encaramos a falta de possibilidade de trabalho por estigma social e entre outras marginalizações.

### Imagem 15: Final da apresentação



FONTE: acervo da Muestra Arder, 2023.

Uma das minhas preocupações é o acesso ao trabalho e a saúde. Para haver uma dimensão sobre saúde, existem, ao todo no Brasil, somente vinte e um ambulatórios e hospitais para atendimento integral e especializado para a população transgênera. É insuficiente diante de uma demanda alta. Quando que a saúde dos nossos corpos será levada a sério?

---

<sup>21</sup> Jonas Maria é um homem transgênero formado em Letras pela Universidade Federal do São João del-Rei (UFSJ) e pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura pela Universidade de São Paulo (USP).

A partir das discussões, a obra começa com uma poesia, que escrevemos juntas, tem versos entre o espanhol e o português. Proferimos em uma certa ordem, mas encerramos a poesias em unísono (cada um em seu idioma). Ao fim, Lea começou a cantar uma música autoral que conta a história de Alexa, uma mulher transgênera que foi assassinada ao andar na rua. Enquanto isso, eu estava desenhando no chão com tinta - de terra vermelha e água - um jardim de ervas daninhas. A imagem do jardim, para mim, é a representação das nossas vidas. Somos como ervas daninhas que se embebedam dos nutrientes para sobreviver enquanto são marginalizadas por não serem boas, submissas, hétero, ... *normal*.

### Imagem 16 - Referências visuais



FONTE: montagem do autor, 2024

Uma das partes que mais chamou atenção foi a nossa caracterização, inspiradas na obra “*Siluetas*”, da artista Ana Mendieta<sup>22</sup>, para trabalhar o uso do espaço, corpo e natureza. Também, usamos como referência no *photoshoot* do álbum “*Trava Língua*”, da cantora Linn da Quebrada<sup>23</sup>. Estávamos vestidas com plantas coladas pelo nosso corpo e levamos velas pelos nossos dedos. Acredito que colocar elementos naturais na intervenção é um processo de levar nossos corpos ao natural e, de igual, manusear a ideia de criação de subjetividade, exposto por Mayer (2019).

<sup>22</sup> Artista cubana interdisciplinar entre performance, escultura, pintura e audiovisual, conhecida por suas obras “corpo-terra”.

<sup>23</sup> Cantora, compositora e poeta, Linn da Quebrada é uma travesti brasileira com álbuns musicais e uma carreira de artista potente, retratando a sua vivência em versos.

*en este tiempo acudirás a una interrupción espacio temporal  
acudirás a tres ritos peligrosos, el amor entre personas del mismo sexo, los travestismos y el cuerpo  
en su estado más puro*

*Este tempo apresenta uma brecha no espaço temporal*

*Apresenta três ritos perigosos, o amor entre pessoas do mesmo sexo, a transgeneridade e o corpo no  
seu estado mais puro*

*¿quiénes cuentan? ¿quiénes llevan la cuenta?*

*hijxs de todas las maldiciones*

*se ocupan de los cuerpos*

*hijxs de perras cuentan*

*Quem conta? Quem leva a conta?*

*Filhes de todas as maldições*

*Se ocupam dos corpos*

*Filhes das vadias importam*

*un cuerpo más, un cuerpo menos*

*una más, una menos*

*unx cuerpx más, unx cuerpx menxs*

*un pibe más, un pibe menos*

*una piba más, una piba menos*

*una trava más, una trava menos*

*unxs travestis más*

*unxs travestis más*

*unxs travestis más*

*Um corpo a mais, um corpo a menos*

*Ume a mais, ume a menos*

*Uma corpa a mais, uma corpa a menos*

*Um piá a mais, um piá a menos*

*Uma mina a mais, uma mina a menos*

*Ume enby a mais, ume enby a menos*

*Umes trans a mais*

*Umes trans a mais*

*Umes trans a mais*

*un cuerpo urgente, es primero cuerpo, no la urgencia*

*un cuerpo urgente es un cuerpo que dice, que se inscribe*

*un cuerpo urgente es un interruptor social*

*un cuerpo urgente es un cuerpo presente, carne del presente, carne de sobrevivencia*

*un cuerpo urgente es un cuerpo que duele*

*un cuerpo urgente es un cuerpo que late*

*un cuerpo urgente es un cuerpo que molesta*

*un cuerpo urgente visto o ignorado*

*un cuerpo urgente solo sirve muerto*

*un cuerpo urgente siempre*

*un cuerpo urgente siempre*

*siempre siempre*

*un cuerpo urgente*

*Um corpo urgente, é primeiro corpo, não a urgência*

*Um corpo urgente é uma corpa que diz, que se especifica*

*Um corpo urgente é um interruptor social*

*Um corpo urgente é um corpo presente,*

*Carne do presente, carne da sobrevivência*

*Um corpo urgente é um corpo que dói*

*Um corpo urgente é um corpo que late*

*Um corpo urgente é um corpo que irrita*

*Um corpo urgente visto ou ignorado*

*Um corpo urgente só serve morto*

*Um corpo urgente sempre*

*Um corpo urgente sempre*

*Sempre sempre  
Um corpo urgente  
No jardim de erva daninha<sup>24</sup>*

---

<sup>24</sup> As estrofes em preto são em espanhol, proferidas por Lea; enquanto as cinza, português, por mim. A última, em vermelho, é o nosso momento de proferir um unísono.

## 5. LEMBRE DE MIM

Até os presentes capítulos apresentados, foi o processo de revisão das performances feitas em diálogo com algumas das bibliografias que foram constituídas neste memorial. O movimento de analisar a trajetória artística me leva a compreender processos subjetivos próprios, dos primeiros anos da minha transição. Analisar a cidadania transgênera, a importância de criar para me colocar no mundo e como meu corpo transmite minha caminhada é sobre *“Lembre de mim”*. É a performance que estrutura a experiência de estar na graduação e todas as pautas descritas nestas páginas. É a obra que será sustentada durante a banca de TCC para, assim, encerrar a minha graduação.

Antes de movimentar meu corpo, utilizei aquecimentos oriundos da *yoga*, como a Saudação ao Sol (um agrupado de movimentos que alongam o corpo), e realizei aquecimentos vocais (repetições da letra z e s; imaginar que está mastigando um chiclete; começar a respiração pelo diafragma e expirar todo o ar imaginando uma bexiga fosse esvaziada). A metodologia utilizada para criação estará descrita nos dias.

### 5.1. DIÁRIO DE BORDO

#### **25.10.2023, quarta-feira.**

Há mais ou menos dois meses venho estudando a possibilidade de aplicar a criação deste memorial para editais de fomentos culturais, para viabilizar a feitura desse trabalho. Até o momento, foi aplicado no FUNARTE RETOMADA - DANÇA (2023) e está para ser submetido na premiação de 02/2023 do município de Foz do Iguaçu (2023) - todos os documentos dos editais presentes em anexo. O processo tem sido de escrita do projeto e consolidar um coletivo para que se execute as funções e o projeto não se sobrecarregue em só uma pessoa (em mim, no caso).

No processo de escrita e submissão do edital, estou contando com a ajuda de Sabrina e Aldo para a parte de produção, ambos são dois amigos de Mediação Cultural. Essas duas pessoas têm colaborado para entrar em contato com espaços culturais e encontrar algumas papeladas necessárias para o edital de fundo de cultura de Foz. Estava na busca por mais pessoas para corroborar nas outras áreas,

como luz, som e arte. Porém, alguns eventos dentro da universidade me fizeram refletir sobre quem convidar para o projeto.

Pensei em desistir de aplicar nos editais, pois não vejo saída ao ódio que circula no campus. Recentemente passamos por uma paralisação (dia 11.10.2023, quarta-feira) e, infelizmente, muitos foram os ataques entre a diferença. Confesso que me abalou ver tanto discurso de ódio entre alunos de institutos diferentes; ou entre pessoas com perspectivas diferentes ao panorama político da universidade. Não consigo ser conivente com atitudes que segregam, ainda mais em uma universidade cuja *integração* é uma das propostas. Como pessoa transgênera, são recorrentes os casos de perseguição da minha pessoa no ambiente acadêmico; tenho receio do ódio generalizar e de me tornar um dos primeiros alvos.

Parte daqueles que idealizavam o projeto estava promovendo tais discursos de ódio. Abalei-me, pois não sabia como colocar a proposta no edital para frente. Abalei-me, pois meu relato artístico é sensível e não gostaria de expor tamanha intimidade em meio ao ódio. Agradeço a Aldo e Sabrina por me ouvir e estar junto para repensarmos em como continuar a submissão do espetáculo nos editais. Reduzimos a equipe e simplificamos a produção da performance - o que facilita até mesmo a sua realização -, pois se faz necessário sinalizar a quantidade de pessoas participantes do projeto na parte orçamentária e, também, para enviar os portfólios dos participantes que já estão ativos no projeto.

### **19.11.23, domingo.**

Hoje tivemos nossa última reunião de submissão do último edital de fomento cultural, a Lei Paulo Gustavo (aplicada para Foz do Iguaçu). No total foram três editais que submetemos. O mais interessante desse processo de se reunir, ler e escrever em conjunto as propostas, isso tem dado uma experiência de gerir um projeto cultural desde sua idealização, uma vez que há disciplinas obrigatórias no curso voltadas à gestão cultural.

Desde a submissão do fundo cultural de Foz (descrito uma parte do processo no dia 25.10.23), estávamos revisando o que tínhamos idealizado para a proposta e adicionando outros itens necessários para as duas categorias que estamos almejando - a 02/2023 e 04/2023 da Paulo Gustavo, voltado para práticas culturais fora do escopo do Audiovisual.

Não descrevo muito a questão da confecção do edital, pois todos os arquivos gerados estarão presentes em anexo<sup>25</sup> e não há muito o que dizer em si. Por isso os primeiros dias do diário estão espaçados, pois esses são dias voltados para redigir e submeter os editais. Creio que quando começar o processo de pré-produção e produção, será um tanto mais movimentado esse diário.

### **08.01.2024, segunda-feira**

Encontro-me em Santo André, uma vez que estou de recesso das atividades acadêmicas e estou visitando minha família. Algumas coisas que pensei em praticar:

- *Roteiro: pensar na possibilidade de trabalhar o programa em cima de uma poesia que ainda estou escrevendo;*
- *Recepção da obra: Seria possível pensar em algum lugar confortável, tanto para mim quanto para o público? Qual seria o melhor lugar para apresentar?*

### **11.01.2024, quinta-feira.**

Descansando a mente, propus-me a revisar a parte escrita do trabalho e finalizar o capítulo “*Um corpo urgente é carne do presente*” - que para mim é o eixo da minha pesquisa. Tive algumas dificuldades e ainda me encontro escrevendo, pois é um conteúdo denso no que diz respeito a bibliografia.

Mesmo olhando com tranquilidade, sinto uma certa pressão em já ter um caminho consolidado do programa performático, ao menos quais imagens transmitir. Sei onde quero chegar, mas preciso ainda criar o caminho até lá. Processos criativos não são algo que se tem um controle cem por cento do tempo, então decidi voltar para duas ações simples, que é a de sentir e aumentar o leque de referências artísticas.

### **18.02.2024, domingo.**

Reunimos em equipe para a discussão do projeto de gestão do memorial. Na reunião estava eu e Aldo, que está na produção do projeto. Durante as férias ocorreram algumas questões.

---







<sup>25</sup> Com exceção dos editais da Paulo Gustavo (por ser um edital que expõe os dados do proponente), as demais apresentações dos editais estarão em anexo do código QR.

A primeira delas remete aos editais de fomento que aplicamos ao projeto. Não fomos capacitados para dois (FUNARTE RETOMADA - DANÇA e o Fundo Municipal de Fomento Cultural 02/2023), enquanto somente na Paulo Gustavo 004/2023 que fomos capacitados e agora falta o processo de habilitação e contratação. Entretanto, o calendário do edital foi suspenso e o retorno para o resultado final do edital é para dia 19 de março, um prazo curtíssimo para realizar o projeto até a banca de TCC (prevista a partir do dia 20 de abril).

A segunda, influenciada pela primeira, remete a tentar simplificar a forma de se fazer a apresentação, tido que, vamos trabalhar somente com o que for disponibilizado na universidade e dinheiro meu pessoal (para alimentação). Na tabela de cronograma (Tabela 1) coloquei algumas das últimas partes da pré-produção, produção e pós-produção em duas semanas pois não tenho datas ainda ao certo.

Assim, finalizamos a reunião criando um cronograma de gestão simples e direcionamento de tarefas. No caso, nas duas próximas semanas entraremos em contato com algumas pessoas para nos ajudar a fazer o projeto. De igual maneira, a proposta inicial seria fazer a projeção e dança em conjunto, entretanto compreendemos que seria melhor não projetar, uma vez que temos pouco tempo para que seja criada e não temos estrutura para sustentá-la. Para além disso, já tem um tempo que a *minha ficha caiu* que meu corpo tem a capacidade de se sustentar em cena e materializar a narrativa descrita ali, exatamente por toda a bibliografia tratada no capítulo 4.

**Tabela 1** - Cronograma Simples de Gestão

Legenda		Cronograma									
	1. Pré-produção										
	2. Produção										
	3. Pós-produção										
	Mês	Fev.		Março				Abril			
	Semanas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
	Consolidação de equipe										
	Reserva de Equipamento										



**19.02.2024, segunda-feira.**

Hoje foi o primeiro dia que me destinei a focar na criação do roteiro performático. Utilizo uma das salas voltadas para artes cênicas que está pelo Campus Jardim Universitário. Nessa primeira semana, pretendo ficar somente uma hora e, aos poucos, aumentar o tempo até duas horas de permanência na sala enquanto estudo.

Segue, em tópicos, o exercício de *quadrante* que fiz após uma breve sequência de yoga:

- *Separei o chão da sala em quatro quadrados idênticos;*
- *Cada parte representa algum tópico presente no memorial - no caso, “nome”, “RG”, “instituição” e “convívio social”;*
- *Durante dez minutos, teria que explorar cada uma dessas imagens e o impacto delas na qualidade do movimento improvisado que exerço;*
- *Os planos destinados seriam alto e baixo.*

Para mim, os primeiros dias são sempre frustrantes, pois é o momento de colocar as ideias em prática e perceber o que é possível ou não. É alinhar as expectativas com a prática. Preciso ter um pensamento mais simplificado para executar com qualidade a performance, considerando que a duração será de dez minutos e o projeto está sendo executado em dez semanas.

Não consegui passar por todos os quadrantes, neste dia foquei mais no aquecimento e não estava com uma boa vitalidade.

**22.02.2024, quinta-feira.**

Este foi um dia produtivo. Dei continuidade no exercício de *quadrantes* e obtive imagens ricas que necessitam de uma lapidada para que sejam potentes a nível almejado. O que foi perceptível nessa preparação de corpo é que os movimentos têm maior complexidade em sua comunicação quando iniciados pela respiração e focados no pé. Cumpri o exercício com ordem aleatória, sendo assim, fiz o seguinte trajeto com as seguintes repercussões:

1. Nome: uma respiração e andar leve/livre, quase como um nascimento.

Entretanto, tinha momentos que pesava, por tentar fazer essa leveza ser

constante (acredito que se associa pela minha vivência tentando ter esse meu acesso a cidadania);

2. Convívio social: espaço de constante disputa, onde tinha que me impor para não ceder espaço. Em algum momento eu ri de escárnio, por lembrar de alguns momentos desse processo de choque por ser quem eu sou num espaço cisgênero que é a universidade. Foi ambígua a sensação, pois houve momentos de sentir que era prazeroso estar com outres;
3. Instituição: ao andar, senti como se meus pés tivessem que seguir um caminho pré-determinado e estreito. No início, ia com cautela; ao final, senti-me exausto, com um peso sobre minhas costas e bacia. Foi um quadrante frio, indiferente e de cobrança;
4. RG: adentrei esse último quadrante chorando, é um lugar dolorido para mim. Comecei um ciclo de movimentos naturalmente. Dava uma breve caminhada, pausava, arrumava a minha coluna (deixando ereta), olhava para frente e lados (com pausas entre o movimento) e começava tudo de novo. Parecia que estava tirando fotos 3x4 para documentos com constância. Parecia como uma marcha para apresentar-me socialmente, provando que *eu sou eu, não uma farsa*. Era um lugar frio, em que era indiferente quem era, sendo somente mais um número.

Acredito que posso aprofundar mais nestes movimentos produzidos no quadrante “RG”. Pois, me fez refletir em uma possibilidade de coreografia de improvisação: fazer essa caminhada progredindo de uma respiração leve até uma mais pesada, exprimindo o cansaço de fazer disto uma rotina; no ápice do cansaço, retirar a camiseta social que estarei trajando (ficando somente de binder) e, de costas, mostrar uma respiração de alívio.

#### **04.03.2024, segunda-feira.**

A partir de toda a experiência de segunda-feira passada, comecei a aprofundar a caminhada que fiz no quadrante “RG”, resultando em uma pesquisa fantástica. Surpreendi-me com a minha respiração tendo elementos do quadrante “Nome”, mesmo que com as movimentações coreografadas do quadrante “RG”. A progressão do movimento repetido incontáveis vezes levou meu corpo até um andar semelhante ao quadrante “Instituição” (levando-me a ter plena certeza dos meus

passos, porém, diferente do dia 22.02.2024, a respiração era ofegante e angustiada).

Essa sequência de passos destinou a primeira parte da performance, equivalente a cinco minutos ou mais. Penso em alguns caminhos possíveis para suceder a performance, algum momento gostaria de falar algo, porém, preciso desenvolver até chegar nesse caminho. No dia 08.01.2024, tinha descrito a possibilidade de escrever o roteiro da obra baseado em uma poesia que estava escrevendo, pois bem, não escrevi e no momento estou constituindo algum texto. Crio a partir dessa pesquisa de quadrantes.

### **07.03.2024, quinta-feira.**

Ao chegar no Laboratório de Artes Cênicas, descobri que a minha reserva não tinha sido efetivada a partir daquela quinta-feira, pois havia outra atividade que havia reservado com antecedência a sala. Logo, não tive a possibilidade de dar continuidade a pesquisa. O episódio me fez remarcar para segundas e sextas o ensaio.

Assim, utilizei desse dia para escrever uma poesia autoral para ser declamado no dia da apresentação. Segue algumas linhas que pretendo reescrever:

*Meu corpo se faz urgente  
Quando ocupa esses espaços  
De cisgeneridade lotados  
Meu corpo se faz urgente  
Quando ocupa esses lugares  
Não só de estar aqui agora  
Eu falo de viver com dignidade  
Meu corpo se faz urgente  
Quando ocupa essa cidade  
Ao andar de madrugada  
Com integridade de volta a casa  
Meu corpo se faz urgente  
Quando tem amor por gente  
Sem o tesão ao exótico não-binário  
Desvinculado da visão de otário  
Meu corpo se faz urgente*

*Tendo demandas no presente  
Ao cuidar da mente e alma  
Meu corpo se faz urgente (3x)  
Meu corpo, meu refúgio minha morada  
Saúda cada corpo transgênero nessa sala  
Mesmo fora da minha mirada  
Sei que vocês estão aí e eu não vou me esquecer.*

### **11.03.24, segunda-feira.**

Resolvi hoje focar nos outros quadrantes que não foram explorados no dia 04.03.24, sendo eles o “Nome” e o “Convívio Social”, compreender quais movimentações seriam possíveis exprimir nesses dois lugares. Em ordem que fiz a pesquisa:

1. Nome: movimentos de experimentação e curiosidade, foi o processo de ser espontâneo e tentar gestos com a imagem de uma criança entendendo os novos limites do corpo. Movimentos com muito giro;
2. Convívio Social: parecia que meu corpo estava ligado a cordas que me puxavam para inúmeros lugares, porém, ainda tinha força para agir conforme queria. Era uma dança, com passos estabelecidos, porém, ainda conseguia impor onde queria estar. Enfoque dos movimentos nos pés;
3. Ambos os quadrantes juntos: havia leveza no movimento, durou um longo tempo, porém, teve o momento de quebra de seguir as limitações que estão fora do meu controle. Veio a mim a imagem de estar seguindo a dança imposta externa, mas propondo meus próprios passos ao ter curiosidade do que seria o meu “eu”.

### **15.03.24, sexta-feira.**

Os Servidores Técnicos-Administrativos estão em greve por tempo indeterminado. O quanto isso afeta a vida universitária? Muito. Essa categoria é a que supervisiona os laboratórios entre outras questões de organização administrativas. Como estou utilizando o Laboratório de Artes Cênicas, então não tive acesso hoje a sala. Terei que me virar em como fazer a preparação de corpo sem um espaço.

### **20.03.24, quarta-feira**

Como disse ontem ao meu terapeuta: todos meus planos relacionados à exibição do TCC não estão dando certo (mas estou bem em relação a isso). Por esses dias foi divulgado o resultado da Lei Paulo Gustavo 004/2023 de Foz do Iguaçu e o projeto não teve as papeladas habilitadas<sup>26</sup> (confesso que me deu uma *pulga atrás da orelha*, pois foi a mesma papelada solicitada, enviada e **habilitada** pelos demais editais de fomento cultural). Não há verba para gestão do projeto e nem teria como mesmo recorrer, pois o tempo para receber a verba com a execução não é sincronizado.

Mas, dado a prorrogação constante a que esse edital foi submetido, já havia desvencilhado a ideia de focar tanto nesse processo (tendo em vista que seria suporte para este memorial). Então, em conjunto com a equipe de gestão do projeto (Aldo e Sabrina), resolvemos somente utilizar de toda a infraestrutura que a universidade nos serve, em principal, o espaço e equipamentos (fresnel e câmeras) para a feitura do projeto.

Entretanto, novamente, não vai ser possível realizar tal planejamento (como descrito no dia 18.02.24), pois os técnicos-administrativos que cuidam do Laboratório de Artes Cênicas (lugar do qual crio a performance) e equipamentos estão de greve, impossibilitando reserva e retirada de qualquer instrumento necessário. Ou seja, novamente, o planejamento não deu certo.

Amanhã me reunirei com o pessoal que está me ajudando na gestão para revermos os nossos caminhos.

Também, é válido ressaltar novamente que, no pré-projeto deste memorial, estava sendo idealizada uma projeção dos meus arquivos em conjunto com a performance. Entretanto, a ideia foi deixada de lado por perceber a potência do meu corpomídia em cena.

Estou bem em relação a qualquer alteração do que seria a estrutura da exibição da obra, pois tenho confiança que não é isso que qualifica o que crio, mas sim, sua mensagem. Não alterando a estrutura da performance, fico tranquilo.

---

<sup>26</sup> No processo de análise de um projeto submetido a edital de fomento público, o primeiro passo é a inspeção das documentações enviadas, ou seja, se elas estão todas entregues e devidamente válidas. Assim elas passam a ser *habilitadas* ou não.

Uma *vitória*<sup>27</sup> da minha parte de hoje foi: o primeiro dia que estou usando *binder* de colete. Essa é uma tecnologia transgênera; é uma roupa que faz a amarração dos seios, deixando o tronco *livre do relevo dos peitos*. Estou seguindo a cartilha de redução de danos de uso de *binder*<sup>28</sup> do IBRAT (Instituto Brasileiro de Transmasculinidades) e do *Trans no corre* (coletivo de corrida para pessoa transgênera), uma vez que pretendo usar no meu dia a dia e também durante a performance.

Minha primeira experiência com o *binder* foi durante duas horas enquanto estava na universidade. Não vou negar que não soube usar direito nesse primeiro dia, o que me fez estranhar um pouco a forma que acoplei a roupa no meu corpo. A textura não me é familiar. Entretanto, foi ótimo entender que com prática, cuidado e manejo, posso estar de uma forma confortável comigo mesmo. Não quero associar o *binder* como *algo ruim de se usar*, uma vez que não soube como usar da maneira correta.

Ver pessoas transgênero que usam *binder* a minha volta e conversar com elas sobre me incentivou o uso. A primeira pessoa que vi tranquila e que tem bons cuidados, foi minha amiga Audrey (mora no estado de SP, conheci fora da universidade). Durante as últimas férias, visitei ela e tivemos uma breve troca sobre. Tinha muito medo de usar e acabar me machucando, mas ao ver Audrey de *binder* me deu confiança. Depois de alguns meses, tive uma conversa semelhante e aprofundada com Chico (amigo que conheci na universidade), que me indicou o uso do *binder* de colete e de fitas (outra tecnologia transgênero com o mesmo objetivo de amarrar os peitos). De igual, estar vendo Bemto (amigo que conheci na universidade em uma das confraternizações que estávamos juntas usando *binder* me deu ainda mais confiança.

O que quero concluir com essa passagem de uso de *binder* é que tem uma importância significativa para mim, pessoa transgênera, estar rodeado de outros corpos transmasculinos e transneutros. Antes dessas amizades chegarem na minha vida, andava somente com pessoas cisgêneras e, essas trocas, eram inexistentes. Transcentrar nas minhas amizades, de certo modo, me trouxe trocas de

---

<sup>27</sup> Tenho um grupo de pessoas transmasculinas que são meus amigos e, diariamente, mandamos mensagens perguntamos uns aos outros quais foram as vitórias do dia. Por isso, uso esse termo, pois para mim, é uma vitória poder sentir euforia com meu corpo.

<sup>28</sup> Disponível em:

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/Cartilha\\_Tecnologias\\_Transmasculinas\\_ibratsp\\_trans\\_no\\_corre.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/Cartilha_Tecnologias_Transmasculinas_ibratsp_trans_no_corre.pdf). Acesso em 21 de mar de 2024.

conhecimento que me gerou confiança, autonomia e certeza de quem estou sendo. E, para esse memorial, agregou em demasia para criação em cima de temáticas que tanto converso com minhes amigos. Amo vocês minhes amigos, obrigado pela parceria.

### **21.03.24, quinta-feira.**

Com toda a situação de não ter acesso à sala C114 (Laboratório de Artes Cênicas), estou hoje ensaiando na sala da minha casa. O tamanho dela é pequeno, mas considerando que há poucos móveis no cômodo, acredito que seja suficiente dada a necessidade de criar a performance.

Hoje foi o primeiro ensaio com o *binder*, inclusive, meu segundo dia de uso. Alguns movimentos são restringidos, o que me fez explorar caminhos possíveis entre dança e estar de binder. Uma sequência de movimento interessante em sua qualidade foi resultado dessa pesquisa: a percepção/experimentação do corpo via mãos que leva ao movimento (mesmo atributo no quadrante “Nome” analisado no dia 11.03.24). Toco meus cabelos (referência a sequência do “RG”), parto paro o ombro, analiso o *binder* com os dedos, percorro a bacia e toco meus calcanhares. Pretendo mesclar esse sequência com um toque de improvisação de movimentos durante a performance.

Em relação à reunião de gestão, focaremos somente em divulgar a performance, por meio de cartazes de tamanho A4 colados pelo campus da universidade, publicação em redes sociais e fazer uma divulgação *boca a boca*. O que me faz lembrar da primeira obra descrita aqui, “*Por que comigo seria diferente?*”, do qual havia uma falta de recursos mais estáveis e toda a divulgação foi feita de maneira menos *institucional* (como uso de La Semana Unileira, que é o meio de comunicação unileiro que também não está funcionando por conta da greve da categoria técnico-administrativo, responsável por tal mídia). A arte para divulgação tentaremos chamar alguém, entretanto, se não ocorrer, faremos por nós mesmos.

No caso, todas as pessoas convidadas que estariam na equipe de som, luz e registro não participaram mais do processo, tendo em vista que não há a possibilidade de retirada dos equipamentos, uma vez que a categoria responsável permanece em greve. Entretanto, a equipe de gestão (Aldo, eu e Sabrina) estaremos contatando pessoas de nossa confiança com equipamentos para tal ou,

talvez, fazendo registros com nossos celulares. A minha primeira preocupação é com a preservação da estrutura da performance e, a segunda, com seu registro. Preciso registrar, para além de uma questão de portfólio, quero que qualquer pessoa transmasculina da UNILA e de fora tenha acesso a este memorial, pois, para mim, tem se mostrado um constante processo de resistência em se fazer arte sendo boyceta. Ter um documento em que esse é um dos tantos caminhos possíveis para nós.

### **23.03.24, sábado.**


Hoje foco para esquematizar a partitura do programa performance. É um esquema que enumera os passos, localizam os lugares do qual é importante cenicamente estar em momentos específicos (para passar certa mensagem) e quais qualidades importantes de se passar nesse momento. Esse foi um método valioso de improvisação que aprendi durante meus anos de estudos na Escola Livre de Dança, do qual, criamos o caminho, porém, como esse caminho se dará ocorre em sua autenticidade no momento efêmero que é estar em cena.

Uma das partes importantes que não houve alteração no projeto foi o figurino. Bemto (meu amigo artista e estudante de Mediação Cultural - Artes e Letras) estará pintando meu *binder* para trazer algumas das referências das performances anteriores. Em específico, retornaremos a referência da performance efetuada na Muestra Arder (2023), focando nas flores e nas obras de Ana Mendieta. O *binder*, para mim, representa a possibilidade de ser autêntico/espontâneo comigo mesmo. Por cima dessa peça de roupa estará uma camiseta social, representando tanto a burocracia que vivencio quanto um papel de gênero/masculinidade que ainda exploro e busco compreender

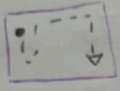
Imagem 17 - Partitura página um

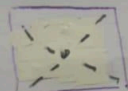
Partitura


→ fora da cena

1.  Sentado na cadeira (onde se encontra o público), se desloca em marcha até a cena

→ em cena


2.  ainda em marcha, desloca aleatoriamente até a parte da frente do palco, cumprindo a sequência do Quadrante "RG", com cadência no movimento.


3.  com os passos guiados pelo aleatório, há uma repetição (pausada) da sequência "RG", mesclando os passos com essa sequência, acelerando o ritmo e trazendo a qualidade/imagem do quadrante "Instituição".

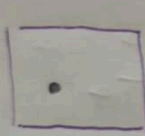
4.  no centro, de costas, com a respiração elegante. Retiro a camiseta social e apresento o brinde por de baixo. Tirar a camiseta social com certo desespero, como se sufocasse.

FONTE: Foto tirada do caderno do aluno, 2024.

Imagem 18 - Partitura página dois

5.  Ao calmar a respiração, começa a evocar as imagens do quadrante "nome", explorando a sequência do dia 21.03.24 (quinta-feira).

6.  Ainda em sequência e momentos de exploração, evoca as imagens do quadrante "convívio social".

7.  repentinamente, de frente ao público, parar o movimento e declamar a poesia. Depois, retornar ao público, finalizam a apresentação.

Legenda

- cena
- artista
- ⋈ ardar com rumo aleatório
- -> ardar com rumo previsto
- ▣ cadeira

FONTE: foto tirada do caderno do aluno, 2024.

Aqui encerra meu diário de bordo. Logo, nos próximos dias até a banca, irei ensaiar o que foi esquematizado, para sua lapidação. Veremos o que será da cena que criei em seu momento de apresentação.

## 6. CONCLUSÃO

Um ponto importante sobre este memorial é que sua conclusão se dá no momento em que a performance será exibida em banca. Ou seja, nas páginas até então, apresentam o processo dos meus pareceres e metodologias para a criação de uma obra. Retomando os dois passos de pesquisa que escolhi para o trabalho de conclusão de curso; o primeiro processo seria a revisão das obras que criei em diálogo com as bibliografias transgêneras e das disciplinas que assisti durante a graduação. O segundo (e último) é o resultado da autoanálise crítica do primeiro passo para que, assim, fosse criada a obra; ou seja, a escrita do diário de bordo, apresentando as metodologias de criação.

Percebe-se que, dentro do meu processo subjetivo de transição de gênero, o espaço universitário teve uma extrema importância para acesso à cidadania e, de igual, trocas de conhecimentos que muniram meus referenciais para a reivindicação do meu espaço enquanto cidadão. A Universidade Federal da Integração Latino-Americana foi o primeiro espaço que legitimou minha existência, mas a mesma mostrou que políticas para a população transgênera são tão frágeis, por serem debatidas por pessoas cisgêneras e para pessoas transgêneras. Sendo um dos motivadores da marginalização do corpo trans - retomo assim a questão do primeiro capítulo, de como somos maltratados quando reivindicamos nossa cidadania com o pedido do nome social.

Ao meu ver essa circunstância de marginalização é consequência de uma lógica colonial (instalada como mentalidade coletiva pelo processo histórico). E, tendo isso em vista, tomei a iniciativa de sensibilizar, via performance, as vivências que são necessárias de serem documentadas. Documentadas, pois, há o constante processo de despojo da subjetividade para se assemelhar ao que a modernidade (Quijano, 2005), o que causa o apagamento de toda uma memória. A população transgênera carece de narrativas feitas *pela gente e para a gente*.

Da linguagem artística, tendo ao máximo tornar meu corpo um comunicador da vivência; uma mídia efêmera (iniciada e terminada ao se apresentar) regada de signos, símbolos e memória. Assim, o que se mostra em cena visa afetar aqueles presentes, criando uma ponte entre as referências que adquire e o público. E, também, gerar registros sobre esse processo como momento de acervo transgênero da UNILA. Gerar uma memória e narrativa de um corpo boyceta que pensa o

corpo-mídia através decolonialidade - como perguntado no capítulo quatro de qual seria via possível para tal criação, considerando a teoria corpo-mídia e a colonialidade.

Outro ponto de extrema importância é o contexto político da universidade influencia o processo criativo. Durante a escrita deste memorial, o Restaurante Universitário foi inaugurado de fato, no campus Parque Tecnológico Itaipu, permitindo a permanência da maioria dos estudantes com o valor entre 2 a 4 reais dependendo do perfil (menos aqueles que recebem auxílio-alimentação, uma vez que pagam mais de 17 reais na alimentação, o que desestimula esse perfil a estar no restaurante). Outra política fundamental para que ocorresse a escrita e as idas para universidade para a pesquisa do programa da performance foi o passe-livre estudantil, uma vitória do movimento estudantil da cidade. Logo, tive o respaldo de me alimentar e transitar com até quatro passagens diárias gratuitas até a universidade para a realização do trabalho. Da mesma forma, a greve dos organizados pelos técnicos-administrativos atingiu diretamente a criação e a infraestrutura programada para a apresentação da banca.

Por último, percebo que revisitar minha história artística na universidade e criar minha última obra enquanto unileiro me rendeu processos de experimentação subjetiva da minha obra e de *mim mesmo*. A obra foi pensada muito além dos dias que registrei, uma vez que é um processo também diz respeito sobre a minha identidade. Ganhei confiança em assumir a identidade *boyceta*, de usar *binder* e me fazer presente com toda minha trajetória, pois transcentrei e me identifiquei com os corredores da universidade. Sem meus afetos trans acredito que boa parte do memorial não teria o caminho que teve, pois muitas das temáticas tocadas foram inspiradas de conversas entre mis amigas. Percebi minha determinação em continuar em um ambiente do qual me dava muitos motivos para evadir.

Quando estava escrevendo meu pré-projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, tive o conhecimento do trabalho de Wall Assis, uma egressa do curso que finalizou a graduação performando e ensaiando sobre sua trajetória enquanto corpo urgente. Acredito que seu trabalho foi um dos meus referenciais de escrita e possibilidade de finalização de curso. De igual, acredito que este programa de performance possa ser também referência a outras pessoas transgênero do curso. Que tenham pessoas trans na universidade, que tenha cota trans, pois ocupamos esse espaço, transcentraremos e seremos lembrades.

...

*Eu fiz isso pela gente. Eu fiz isso para vocês, transmasculines, que acabaram de entrar no curso de Mediação Cultural e se vêm querendo evadir. Normalmente únicas em sala e com dificuldade de conviver com trocas da própria experiência. Eu fiz isso para que a gente possa sempre estar presente, para que você saiba que não está sozinho e é livre para ser quem seja*

## 7. BIBLIOGRAFIA

APPADURAI, Arjun. SOBERANIA SEM TERRITORIALIDADE: NOTAS PARA UMA GEOGRAFIA PÓS-NACIONAL. **Novos Estudos**. n. 49, novembro de 1997, p.33-46.

BERTRAND, MéliSSa. O Corpo-Arquivo em TRANS. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre: Rev. Bras. Estud. Presença, v. 10, n. 3, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **RESOLUÇÃO Nº 11, DE 19 DE AGOSTO DE 2016**. Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 19 de ago. de 2016. Disponível em: <<https://atos.unila.edu.br/atos/resolucao-n-ordm-11-2016-consun-942>>. Acesso em: jun. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Atendimento pelo nome social deve ser solicitado até 3 de junho**. Brasília: Assessoria de Comunicação Social, 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/nome-social>>. Acesso em: jul. de 2023.

GONÇALVES, Sara Wagner Pimenta; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações Sexuais (insubmissas) travesti. **Revistas de Estudos Feministas**.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2006 [1º ed. 2005]

MARIA, Jonas. **LBGT: Por que você não se sente adulto?**. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cs18xAwqS1c&t=347s>>. Acesso em: jan. de 2024.

MAYER, Claudia. **queer no Brasil: resistência e empoderamento na (re/a)apresentação de si**. Ponta Grossa: Editora Monstro dos mares, 19 de janeiro de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

PERRA, Hija de. EL SEXO NO ES MIO, 1., 2012, Chile. **Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma [...]**. Bahía: Revista Periódicos, 2015. 8 p. v. 2.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

ROSA, Rafaelly de la Congo. **Identidades de Fronteira & Corpos Marginais: território de violência e combatividade**. Orientador: Profa.Dra. María del Rosario Tatiana Fernández Méndez. 2017. 77 f. Monografia (Artes Plásticas) - Brasília, 2017.

SILVA, Aline Oliveira Gomes da. O Nome Social enquanto Política Pública nas Universidades Estaduais do Paraná. **Portal Seer**, Bahia, v. 05, ed. 02, p. 14-39, 2019.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - Código QR dos arquivos gerais do Memorial



FONTE: acervo do autor. Disponível em:

<[https://drive.google.com/drive/folders/1\\_wbdZqOLA8zgzaJR3\\_KFUqRNCADqRXKI?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1_wbdZqOLA8zgzaJR3_KFUqRNCADqRXKI?usp=sharing)>.

### ANEXO 2 - Código QR das fotografias de divulgação de *Porque Comigo Seria Diferente*



FONTE: acervo do autor. Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/folders/128q5WqpGHoQ8DGuao4trCseAJQTD9n4B?usp=sharing>> .

**ANEXO 3** - Código QR dos arquivos gerais de *Banquete Inaugural do R.U.*

FONTE: acervo do autor. Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/folders/1eWhXEEATX-0CKFu38DGi64kAHubbo4Cr?usp=sharing>>

**ANEXO 4** - Código QR do roteiro de *Banquete Inaugural do R.U.*

FONTE: acervo do autor. Disponível em:

<[https://drive.google.com/file/d/110IMLQmv8fK3tgXl0L0pMauGjegU\\_nd1/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/110IMLQmv8fK3tgXl0L0pMauGjegU_nd1/view?usp=sharing)>.

**ANEXO 5** - Código QR das imagens de *Banquete Inaugural do R.U.*

FONTE: acervo do autor. Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/folders/1-zeh9e72XRycjU5DCyd5gC9JY53uda7p?usp=sharing>>.

**ANEXO 6** - Código QR dos rascunhos do *Banquete Inaugural do R.U.*

FONTE: acervo do autor. Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/folders/1v70OClnJ19dbBzTRnUJDKm0R9Y9dJgnr?usp=sharing>>.

**ANEXO 7 - Código QR da escrita de editais**

FONTE: acervo do autor. Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/folders/1L3HN0BcAbpOztRJ6W7YPIMWOVLEpVyx?usp=sharing>>.